



Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas
ISSN: 1981-8122
ISSN: 2178-2547
MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

Avoles, Claudia Mattos
Dossiê "Ilustração arqueológica e etnográfica nas Américas"
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 12, núm. 2, 2017, Maio-Agosto, pp. 285-287
MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

DOI: 10.1590/1981.81222017000200002

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394056427002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Dossiê “Ilustração arqueológica e etnográfica nas Américas”

Claudia Mattos Avolese
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Antes mesmo da fundação da Arqueologia como disciplina científica no século XIX o legado material dos primeiros habitantes das Américas era objeto de constante investigação e interesse. No continente, os estudos arqueológicos associaram-se intimamente com a etnografia. Tanto na América espanhola, quanto no Brasil, naturalistas, humanistas e amadores debruçaram-se sobre o passado remoto do continente, organizando o legado material dos primeiros habitantes desse território de forma a produzir teorias a respeito do seu grau de civilização, de sua relação com as grandes civilizações europeias e de seu estatuto racial. Tais discussões tiveram importância não apenas para a produção de conhecimento nos campos da arqueologia e da etnografia, mas foram também mobilizadas e largamente utilizadas em contextos políticos, tais como em processos de delimitação de território, no estabelecimento de políticas indígenas e na construção de uma imagem para a nação. Nesse contexto, a prática de ilustração arqueológica, assim como etnográfica, com sua dupla origem nos estudos antiquários que chegaram às Américas através, principalmente, da figura de Alexander von Humboldt, e nos esquemas pré-estabelecidos pela ilustração científica, teve um papel central. Esses dois gêneros de representação tornaram-se os instrumentos fundamentais com os quais se empreendeu a organização de um conjunto complexo de informações que ajudou a moldar a construção de um conhecimento sobre o passado. Mesmo após a invenção da fotografia, a base material dessa produção continuou sendo, fundamentalmente o desenho. Enraizado em uma longa tradição que remonta ao Renascimento, o desenho tornou-se um instrumento poderoso de investigação e reconstrução da história. Seu poder de simplificar e destacar determinados conteúdos e ampliar outros, promoveu, por assim dizer, uma base material capaz de legitimar determinadas leituras do real. Na maior parte dos casos, as ilustrações arqueológicas e etnográficas aliam-se ao texto, promovendo estratégias de convencimento e naturalização do passado, a serviço de contextos específicos.

O presente dossiê, que resultou de um seminário sobre o tema organizado em 2012 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), propõe uma discussão aprofundada sobre os gêneros da ilustração arqueológica e etnográfica nas Américas, desde os tempos da ocupação até o final do século XIX, quando a Arqueologia e a Antropologia se desenvolveram como disciplinas autônomas, construindo métodos mais rigorosos de utilização da imagem. Nosso objetivo é avaliar a estrutura e o funcionamento dos gêneros da ilustração arqueológica e etnográfica em relação às transformações de seus objetos e contextos no continente, procurando discutir quais os usos dessas imagens nos enquadres políticos, artísticos e sociais em que se estabeleceram.

Abrindo o presente dossiê o artigo de Claire Farago apresenta uma análise das categorias do “retrato” e da “ilustração etnográfica” discutindo a complexa retórica das imagens envolvidas nesses dois gêneros. Através da análise de exemplos-limite que não se deixam classificar facilmente sob nenhuma das categorias, a autora demonstra que gêneros dependem do enquadre social, político e histórico, assim como também da perspectiva relativa do observador, ou



do observado, para serem reconhecidos e se constituem enquanto tais. O texto ajuda-nos a reconhecer o terreno escorregadio e complexo em que ingressamos ao nos interessarmos pelo mundo das imagens e nos alerta para a artificialidade das categorias que construímos nesse processo.

Os dois artigos seguintes dedicam-se à análise das formas adotadas pela ilustração arqueológica nas Américas, examinando sua estrutura, suas relações com a linguagem escrita, assim como seu desenvolvimento ao longo do tempo. Debruçando-se sobre a ilustração arqueológica relacionada aos territórios andinos, Joanne Pillsbury demonstra como a vasta produção desse gênero de imagens determinou e moldou a construção do conhecimento na região. O texto acompanha as transformações do gênero desde o século XVI até o século XIX, mostrando como a imagem ganha importância com relação ao texto nas publicações da época, a medida que avançamos no tempo. Se no século XVI as publicações sobre a região baseavam-se fundamentalmente na palavra, a relação entre imagem e texto inverte-se quando chegamos ao século XIX, tal como ocorre na obra monumental de Reiss e Stübel "The necropolis of Ancon in Peru". Tomando exemplos da região da Mesoamérica, Byron Ellsworth Hamann discute, por sua vez, a técnica do desenho linear e fragmentado, comumente usada na composição de ilustrações arqueológicas. Após apontar suas origens na ilustração botânica, o autor demonstra como o gênero, ainda muito usado hoje, interfere e determina em grande parte a leitura que fazemos do material arqueológico estudado. Esta hipótese é posta à prova em sua excelente análise do *Lienzo de Tlaxcala*, tradicionalmente submetido a uma leitura fragmentada, quadro a quadro, devido à sua complexidade imagética. O autor argumenta que a fragmentação termina por provocar graves distorções no conteúdo interpretativo da imagem, uma vez que a posição relativa de cada quadro e suas relações internas são determinantes para a compreensão semântica da obra.

A contribuição de Adam Sellen a este dossiê toca em um aspecto fundamental do funcionamento das imagens de ilustração arqueológica e etnográfica, a saber, sua utilização política, tomando como exemplo a revista "El Museo Mexicano", publicada entre os anos de 1843 e 1845. A revista foi o centro da produção sobre o passado arqueológico mexicano e o veículo principal através do qual uma elite *criolla* se apropriou do passado mesoamericano no processo de construção de uma identidade nacional. De acordo com o autor, as ricas e complexas imagens veiculadas nas páginas do periódico ajudaram no processo de assimilação do passado pré-colombiano à imagem de uma elite local, ao mesmo tempo em que resultou na desapropriação e alienação das populações indígenas, descendentes diretos dos povos pré-colombianos no México.

As três últimas contribuições a esse dossiê concentram-se em exemplos retirados do contexto brasileiro. O artigo de Letícia Squeff oferece uma investigação da importância da tradição de ilustração arqueológica para a formação do artista Manuel Araújo Porto Alegre. Durante sua viagem à Itália durante o ano de 1834, Porto Alegre não só visitou os monumentos da antiguidade *in loco*, como também estudou atentamente as gravuras e desenhos de elementos antigos encontrados em livros e álbuns da época, especialmente o "Viaggio antiquario ne'contorni di Roma", de Antonio Nibby. De acordo com a autora, o estudo da antiguidade foi determinante para a carreira de Porto Alegre no Brasil, tanto na Academia Imperial de Belas artes, quanto no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), a partir dos anos 40. Os textos de Luciano Migliaccio e de Renata Martins que fecham esse dossiê, expandem o escopo do presente volume ao tratarem da recepção de temas indígenas, veiculados frequentemente através de ilustrações arqueológicas e etnográficas, na produção artística do continente americano. O texto de Luciano Migliaccio examina a incorporação de imagens arqueológicas e etnográficas à produção escultórica nas Américas no século XIX, através dos exemplos de Ferdinand Pettrish e de Louis Rochet, ambos com passagem pelo Brasil. Por sua vez, Renata Martins investiga as cuias e



cachimbos decoradas com motivos asiáticos produzidos por mãos indígenas no contexto das missões jesuítas na região de Monte Alegre no Pará, mostrando igualmente como diversos artistas modernos se inspiraram nessa tradição para renovar sua própria produção no período entre o final do século XIX e início do século XX no Brasil.

De forma geral, o dossiê oferece um estudo comparativo entre a produção visual em torno do legado material do passado, nos diferentes países da América, examinando as matrizes de representação do material arqueológico e etnográfico nos diferentes cenários em que ele foi mobilizado. Uma das grandes qualidades do presente dossiê é seu caráter interdisciplinar. Historiadores da arte, museólogos e arqueólogos examinam conjuntamente a tradição de ilustração arqueológica e etnográfica nas Américas, compartilhando seus pontos de vista, marcados por suas formações específicas. No Brasil não há tradição de trabalho conjunto entre arqueólogos, museólogos e historiadores da arte, enquanto que internacionalmente esta colaboração tem se estreitado nos últimos anos, com resultados surpreendentes. Nesse sentido, o presente dossiê pode ser visto como um importante passo no processo de aproximação e de diálogo entre esses campos, contribuindo para uma reflexão mais aprofundada sobre a produção material pré-colombiana e sua recepção através do tempo.